

de maneira permanente, e não apenas em datas comemorativas. “Queremos que os estudantes gostem de português e de matemática; que se formem médicos e engenheiros; mas queremos médicos e engenheiros que não sejam racistas”, exemplifica. Para isso, o projeto promove também rodas de conversa e palestras com pessoas que trazem as tradições e memórias invisibilizadas com frequência no país. Escritores indígenas, caciques e uma professora de teatro de Moçambique estão entre os convidados das últimas edições.

Em três décadas de trabalho na rede pública de ensino, o professor André Lúcio vê avanços em direção a uma educação menos racista, já que muitas escolas se abrem para um trabalho transversal, que se dá o ano inteiro. Para ele, o momento é de transição, para alunos e para professores também, e esse processo precisa ser respeitado.

“Eu tenho visto uma diferença na paisagem étnica das escolas, e isso é importante porque leva todo mundo a se respeitar. Não tem cabelo ruim, nem cabelo bom: tem cabelo liso, e tem cabelo crespo. E pronto.”

Ancestralidade

Quando o tema é ancestralidade, o professor explica que levou anos até se apropriar da consciência da própria origem. “Como fui um filho muito querido, não tinha sequer consciência da pobreza em que eu vivia. Quando você é amado demais, na escola e em casa, parece que o amor mitiga um pouco”, declara. “Mas você vai crescendo e percebe que muito do que estudou e viu nos filmes eram coisas que tentavam apagar essa ancestralidade.”

Na escola, o que ele e milhares de crianças e jovens aprenderam foi o que aconteceu com a população negra no Brasil. “Eu aprendi que os negros eram escravizados, porque assim estava escrito nos meus livros de história”, relata. No cinema e na televisão, por sua vez, as referências eram de violência e subalternidade: o estuprador, o criminoso, a empregada doméstica.

“Isso vai nos distanciando da nossa ancestralidade. Então, eu

Fotos: Arquivo pessoal



Biblioteca em sua homenagem, em Ceilândia



Em passeio com alunos do Caic de Brazlândia



Contação de histórias para crianças no CCBB

fui aprendendo o que significa ancestralidade: o que você foi, o que você é, e o que você vai ser. Também foi um aprendizado com o tempo, não vem no automático.” André tomou consciência de que a história do povo negro brasileiro começou muito antes de serem trazidos escravizados para o Brasil. A ancestralidade é uma aprendizagem, atesta o professor, e isso significa que o saber ancestral tem impacto na vida social e na vida política.

Hoje, ele é especialista em cultura afro-brasileira e africana e tem um projeto pioneiro de catalogação de baobás em Brasília, árvore com forte simbolismo para as culturas tradicionais africanas, considerada sagrada para algumas religiões. Em 2019, apresentou o projeto

na abertura do Festival de Cultura do Brasil em Viena, na Áustria.

Cotas

Defensor das cotas, o professor relembra o passado de exclusão que até hoje reverbera em todas as esferas. “A escola no Brasil se instaura como uma cota de 100% para meninos brancos. Só depois as meninas puderam estudar, mas apenas em alguns cursos, relacionados ao cuidar”, diz. “Então, hoje, a cota é uma medida de política pública que é reparadora. Esse estado que no passado excluiu agora precisa incluir, e leva tempo.”

Mais indícios de avanço foi o fato de este ano ter sido celebrado o primeiro Dia da Consciência Negra como feriado nacional



Com a professora da 4ª série, em Valparaíso



Cerimônia de formatura na Escola Normal



Em outubro, no Festival Taguatinga Plural

e a redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) trazer como tema Desafios para a valorização da herança africana no Brasil. “Outra coisa inimaginável no Brasil há 10 anos seria um evento pedagógico pautando toda a discussão: os jornais, as televisões, os sites. Todo mundo discutindo e professores sendo convidados para falar sobre possibilidades de abordagem”, enaltece André Bento, ressaltando a importância de tomar os lares e romper os muros da escola com essa discussão essencial.

Para que esse cenário se perpetue por gerações, ele faz a sua parte também na academia. É autor de livros sobre educação e história afro-brasileira e sobre formação continuada de professores. Já ocupou o cargo

Para ler



Tâmara e Tamarindo — Na terra das coisas e das pessoas doces

Autor:
André Lúcio Bento

Ilustrações:
Bruna Hermínio

Editora ImepH
48 páginas

Neste livro, duas frutas africanas (tâmara e tamarindo) são transformadas em dois personagens. Com protagonistas negros, a obra trata das misturas da vida e da diversidade.

de subsecretário de Formação Continuada dos Profissionais da Educação e de conselheiro de Educação do Distrito Federal. Atualmente, é membro suplente do Comitê Nacional de Educação e Cultura em Direitos Humanos, vinculado ao Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania.

“Sem nenhum exagero, a educação escolar me formou o que eu sou, em quase a minha totalidade. Eu tenho em relação à escola um sentimento importante, mas também tenho muita racionalidade. Eu tenho convicção de que a educação melhora as pessoas, muda as pessoas para melhor. Ninguém passa por uma escola e sai como entrou. É um lugar importante para um país que tem uma agenda econômica e social a cumprir.”